



4º CONGRESSO OPP - DISCURSO DE ABERTURA

**Francisco Miranda Rodrigues,
Bastonário da Ordem dos Psicólogos Portugueses**

Chegamos hoje aqui após uma longa caminhada. Não minha, não da Ordem mas da psicologia e dos psicólogos e psicólogas portuguesas. Este trilho tem sido feito com o esforço e dedicação de muitos profissionais que não só deram à ciência e à profissão como deram ao país, como profissionais e como cidadãos. Durante o estado novo, colegas nossos foram perseguidos pela polícia política, fizeram parte de movimentos estudantis e também eles lutaram pela liberdade. Com isso e essa luta também eles contribuíram para que a psicologia e os seus profissionais tenham hoje o espaço que já ocupam na sociedade portuguesa.

Anos mais tarde, outras lutas existiram, entre elas as de criação de uma organização representativa e reguladora da profissão. Muitos foram aqueles que se destacaram pelo seu contributo à organização da profissão e seria difícil aqui enumerar todos, mas dois, já aliás premiados com o Prémio Ibérico da Psicologia merecem aqui a referência por aquilo que representam para a classe, o Leandro Almeida e o Telmo Baptista que ainda hoje, quando chamados a servir em prol da psicologia e da profissão, dizem presente, em Portugal ou além fronteiras.

E a este propósito, orgulhemo-nos, pois tantas vezes nos inibimos disso mesmo, por termos um psicólogo português, que depois de liderar uma equipa que tornaria em nome dos psicólogos portugueses, a Ordem uma realidade, a liderar a EFPA – European Federation of Psychologists Associations, abraçando um trabalho difícil de reestruturação da organização que representa associações de 38 países europeus, num todo de mais de 300.000 psicólogos. É uma distinção para ele mas deve fazer com que cada um de nós veja neste cargo o reconhecimento do trabalho que os psicólogos portugueses fazem aqui e além fronteiras.

Com todos eles, em diferentes dimensões aprendi ou deles beneficiei. Quantos aqui também com eles aprenderam?

Aprendemos quando não somos indiferentes. Aprendemos quando somos humildes o suficiente para aprender. Aprendemos quando aproveitamos oportunidades para isso, pois o saber não ocupa lugar. Aprendemos quando temos a curiosidade pelo outro, pelo que nos rodeia, pelo que é diferente, pelo que nos intriga e pelos que nos contraria. Para isso temos que ser capazes de deixar a defensividade para trás e procurarmos o outro e o que ele nos oferece, conscientes que será mais fácil fazê-lo se estivermos bem connosco próprios, com o nosso espaço profissional e com o nosso projecto de vida e de carreira e que também aqui, neste Congresso, podemos conhecer oportunidades e apoio para isso mesmo. Carl Rogers disse um dia “Não podemos mudar, não nos podemos afastar do que somos enquanto não aceitarmos profundamente o que somos.” **Aproveitemos este Congresso para dar mais um passo nesse trabalho tão permanente como essencial de construção da identidade individual e colectiva.**



Também por isso, neste 4º Congresso da Ordem dos Psicólogos Portugueses, procurem sentir a história nos corredores, entre alguns dos históricos da nossa profissão, dos nossos convidados que nos trazem diferentes conhecimentos e experiências. Experimentem do contacto com líderes da nossa sociedade que nos honram com a sua presença e que nos ajudarão a ser mais úteis e a perceber melhor as necessidades da sociedade e a visão de quem decide em muitas áreas. Aproveitem o momento para estabelecerem pontes com os nossos colegas de outros países aqui presentes, com destaque para Espanha e EUA, possibilidades de trabalho conjunto ou simples conhecimento de diferentes realidades profissionais. Abram-se à experiência, ao contacto e à partilha. Aprendemos todos. Cresceremos todos pessoal e profissionalmente.

Ciência e profissão são indissociáveis. Este congresso é a expressão disso mesmo. **São as universidades e os seus centros de investigação que têm a principal responsabilidade de explorar os limites das ciências psicológicas e pela formação inicial dos psicólogos a responsabilidade de os preparar, ajudando a que desenvolvam as suas competências, para o exercício da sua profissão, sem prejuízo deste desenvolvimento apenas começar nas universidades, mas nelas não acabar.** É pois, neste articulação entre profissão e as universidades que se constrói o futuro. Cada um no seu papel e com a sua autonomia, mas interligados, numa responsabilidade partilhada pelo desenvolvimento da profissão. Nos seus sucessos, fracassos, desafios e obstáculos, somos parte dos problemas, mas somos também conjuntamente parte das soluções.

E tenhamos humildade para aprender com orgulho no que alcançámos. Não me vou referir ao que alcançámos em tão poucos anos de Ordem, pelo muito que está por fazer, mas sim, ao tanto que conseguimos enquanto psicólogos e psicólogas ao serviço do país e dos portugueses. No último ano e meio recebemos os nossos colegas da Noruega e dos EUA interessados em conhecer alguns dos nossos melhores exemplos:

- somos um exemplo reconhecido internacionalmente nas políticas de inclusão social e no trabalho com os sem abrigo, áreas onde centenas de colegas nossos intervêm e que oferecem um contributo inestimável para a coesão e desenvolvimento do nosso país;
- lideramos na área da sexualidade onde um colega nosso, keynote speaker neste nosso congresso, é presidente de uma associação mundial e é neste nosso país que existe o primeiro doutoramento que cruza a Psicologia e a Sexualidade;
- lideramos e inovamos na área das dependências com um trabalho cujo impacto é internacionalmente reconhecido e exemplo para novas políticas e novas formas de actuação e onde o trabalho dos psicólogos assume um papel central;

Não existe ciência portuguesa, espanhola, inglesa, brasileira ou americana existe somente uma ciência. Por isso o desenvolvimento da nossa profissão faz-se em Portugal e nos outros países e a partilha, mobilidade e construção de projectos comuns é um imperativo de todos para melhores serviços aos cidadãos aqui ou além-fronteiras por portugueses ou por psicólogos de outros países. Não há fronteiras. Há realidades culturais diferentes, não há fronteiras para os problemas sociais.

“Tenhamos orgulho dos nossos psicólogos, uns mais anónimos e outros menos que constroem o prestígio da nossa profissão”

Estamos numa profissão regulada e baseada na evidência científica e não no pensamento pós-modernista do relativismo e da subjectividade. Ciência não tautologias, pois as nossas práticas não são as boas práticas por serem correctas são as boas práticas por serem baseadas na evidência científica e não actuamos com base em maniqueísmos, não há um certo e um errado, a realidade é mais complexa e por isso o domínio dos dilemas éticos baseados numa reflexão pessoal, na discussão, com base na ciência é central para o desenvolvimento contínuo da profissão, individual e colectivamente. Por isso devemos também estar ao serviço do conhecimento, da literacia, da autonomia contra a desinformação e as fake news, contra a ignorância que nos pode colocar em risco a todos como nos movimentos anti-vacinas

Relembremos sempre George Orwell no livro 1984 quando descreveu um mundo onde a palavra ciência não existia, pois o método empírico representava uma ameaça para a “verdade do Big Brother”.

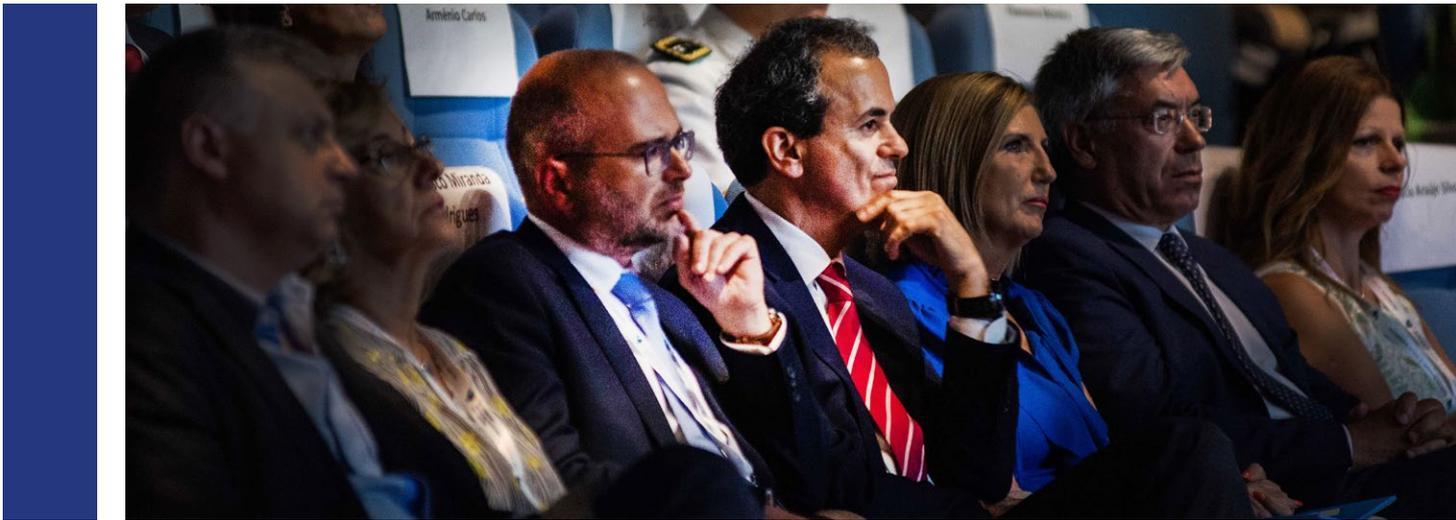
Ciência, humanismo, progresso e liberdade correm o risco de ser substituídos por terror e emoção em massa. A psicologia tem contributos a dar nestas dimensões, nós psicólogos e psicólogas temos a responsabilidade de os entregar e disseminar. Nós psicólogos e psicólogas somos também responsáveis pela ciência, humanismo, progresso e liberdade.

Psicólogos e Psicólogas, convidados, infelizmente, ainda somos algumas, poucas vezes, mas algumas, esquecidos. **E quando somos esquecidos não somos nós que ficamos para trás. Não somos só nós que somos esquecidos, são todos os portugueses e portuguesas que assim têm mais dificuldade em ter acesso aos serviços que prestamos, aos serviços que necessitam, à saúde psicológica, ao desenvolvimento pessoal e social e ao bem-estar de forma geral que para tanto contribuímos.** Surpreende-nos que continuemos sem resposta na habilitação para a docência no ensino secundário da disciplina de psicologia afectando o trabalho de literacia em psicologia, inquieta-nos a demora no envolvimento actualizado das ciências psicológicas nas políticas de emprego, nas mudanças do mercado de trabalho, na prevenção dos incêndios e outras catástrofes naturais, na prevenção de perturbações mentais, na desinstitucionalização, na intervenção precoce e na emergência infantil, no apoio aos magistrados e na promoção de locais de trabalho saudáveis. Sempre que nos esquecemos do contributo dos psicólogos e psicólogas é dos cidadãos que nos estamos a esquecer. É do nosso propósito, missão e dever para com o desenvolvimento e a coesão social.

Sr. Secretário de Estado Adjunto e da Saúde, os psicólogos são profissionais de saúde. Mas como se que muito bem sabe, não somos profissionais somente na saúde. Somos da saúde de forma transversal e abrangente. Da saúde, pois, focados e comprometidos com a prevenção e a promoção da saúde e não só com a doença e sua cura. Sr. Secretário de Estado, como bem sabe estamos em todas as áreas da sociedade e em todo o ciclo de vida. Nenhuma profissão tem o espectro de actuação como a dos psicólogos com o impacto que podemos atingir dessa forma na saúde global, estrutural, transformativamente, como aliás reconhecido com o recentemente consagrado Dia Nacional do Psicólogo. O Sr. Secretário de Estado sabe e já lhe o recordei várias vezes que partilhamos, mais do que numa expressão utilizada pelo Sr. Ministro da Saúde, do desígnio de transformar o paradigma da saúde em Portugal. Uma política de saúde e não de doença. Sr. Secretário de Estado, quem quer que seja que o pretenda fazer tem aliados estratégicos em toda a sociedade, competentes e com espírito de missão, merecedores de reconhecimento e de condições para o exercício da sua actividade, tem os psicólogos e psicólogas portugueses.

No SNS ou fora dele, na educação, nas organizações, na área social, na justiça... com crianças ou com idosos. E... conhecedores de modelos de intervenção psicológica que permitem trabalhar a prevenção desde o nível individual, da literacia e da auto-regulação, ao desenho das políticas públicas, passando pelos casais, os grupos, as comunidades, as organizações.... sr. Secretário de Estado, Portugal não é um país rico, mas tem riquezas, tem profissionais como estes que são uma mais valia para o presente e futuro do país mais ainda do que têm sido até aqui. Para a sustentabilidade do estado social é necessário reduzir desperdício e prevenir, é necessário desenvolver as pessoas, e os psicólogos são o seu aliado natural para o fazer.

Por seu lado, os psicólogos existem em Portugal e estão disponíveis. Sr. Secretário de Estado, cabe-lhe a responsabilidade, de em conjunto com os seus colegas de governo, criar ou apoiar oportunidades para este contributo, como no caminho até aqui já feito demonstrou saber fazer, como com o apoio à autonomia técnica, científica e funcional dos psicólogos essencial para a defesa de um papel dos psicólogos no SNS em toda a área da saúde e não só na saúde mental ou com o pequeno mas histórico e importante passo contratação de psicólogos para a carreira clínica e da saúde do SNS e para os cuidados de saúde primários. Por isso Sr. Secretário de Estado é agora tão importante a nova lei de bases da saúde, que dá sinais no bom sentido, da prevenção, da literacia, da saúde ocupacional, da saúde transsectorial. Conte connosco neste caminho pois ele também é nosso e nele revemo-nos e subscrevemos. Mas sr. Secretário de Estado, não ficaríamos bem com a nossa consciência se não alertássemos para aspectos essenciais não cuidados na actual proposta. A humanização. A humanização para além dos sistemas de gestão da qualidade, a verdadeira, que diz respeito à relação entre as pessoas, à comunicação com os utentes, ao cuidado e respeito pela autonomia em vez do assistencialismo ou dependência do poder do estatuto dos profissionais de saúde.



E... a saúde mental... a saúde mental não a doença mental. Sr. Secretário de Estado precisamos, na prática, de cuidados integrados de saúde mental e não de institucionalização e para isso o caminho tem que ser continuado. Esse trabalho não está concluído. **Precisamos de aumentar o acesso para todos, sendo certo que assim aumentaremos para quem tem perturbação mental grave, mas para todos, para prevenirmos o aparecimento da perturbação mental grave e reduzirmos alguns dos número de que não nos orgulhamos: na depressão , na ansiedade... para isso mais desenvolvimento das pessoas, mais trabalho na comunidade e de proximidade, mais trabalho sobre os processos psicológicos e menos psicofármaco**

A saúde mental não é uma área para batalhas de poder é como em toda a saúde uma área para melhorar o acesso dos cidadãos aos melhores cuidados de saúde possíveis e de acordo com as melhores práticas baseadas na evidência científica, científica ... e se a evidência for que que exige mais presença de psicólogos e das suas competências como é o caso, essa deve ser a direção da aposta em termos de prioridades de recursos. Sr. Secretário de Estado, como instrumento coerente e complementar, embora essencial, é necessário, rapidamente cumprir com o que acordámos com o Governo e publicar as novas tabelas de regime livre da ADSE que consagram o direito dos cidadãos ao acesso participado a cuidados de saúde psicológicos sem necessidade de prescrição médica e com uma maior valorização dos actos praticados pelos psicólogos.

Sr. Secretário de Estado Adjunto e da Saúde, Caro Professor Fernando Araújo, a sua presença em representação do sr. Ministro da Saúde e do Governo de Portugal é mais do que um acto simbólico ou formal pois devo reconhecer que poucos mais serão os membros do Governo que poderão demonstrar mais abertura às nossas propostas, mais conhecimento sobre o nosso contributo e mais vontade e acções concretas em benefício das populações através da psicologia e dos psicólogos, que o Sr. Secretário de Estado. Sr. Secretário de Estado, pode contar com o nosso apoio para esta missão, os portugueses esperam poder contar consigo e com o seu empenhamento, Portugal conta connosco.

Finalizo... Quando nos sentimos pouco confiantes, quando experienciamos a frustração consecutiva, o pouco reconhecimento das nossas mais valias, as lacunas nas condições para fazermos o nosso trabalho, a falta de autonomia, a inexistência de pares com quem nos articulemos e apoiemos, quando lidamos com a precariedade que nos alimenta de angústia, dúvidas sobre o futuro e falta de esperança no futuro, temos que ter uma resposta e essa resposta está em todos e cada um de nós, está em tomar uma posição, em agir determinadamente na defesa da nossa profissão, em cada local de trabalho, nos grupos, nas equipas, nos conselhos, na Ordem, nas comunidades, na comunicação social, pois os direitos, a credibilidade, o estatuto social e profissional, não é dado, é conquistado, evidenciado e para isso é preciso acreditar, ter esperança, lutar e construir resultados.

Um profissional sem esperança num futuro melhor não pode ser um bom profissional. Nós ajudamos a construir melhores organizações, a prevenir problemas sociais, a ajudar a ultrapassar problemas de saúde ou de insucesso... só o podemos fazer tendo a esperança acesa dentro de nós. Só o podemos fazer cuidando de nós, participando de corpo inteiro nas soluções e enfrentando os desafios sociais. Nós somos essenciais na construção de uma sociedade mais forte, mais resiliente, mais igualitária. Nós somos fundamentais na resolução de problemas sociais complexos, no progresso, na liberdade e desenvolvimento económico com coesão social. Mas tudo isto, só somos se agirmos, se acreditarmos e lutarmos pelo que sabemos ser o contributo das ciências psicológicas e da nossa profissão para estes desígnios. É a nossa responsabilidade. O futuro está nas nossas mãos.

“As pessoas, portuguesas ou não... precisam de nós e do nosso papel, cabe-nos corresponder. Com a psicologia para um mundo melhor. Somos psicólogos.”



FRANCISCO MIRANDA RODRIGUES

(Presidente do 4º Congresso da Ordem dos Psicólogos Portugueses e Bastonário da Ordem dos Psicólogos Portugueses)
